



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ELIZABETE TRINDADE DA SILVA

HISTÓRIA E MEMÓRIA: Comunidade Quilombola Campo Verde

ANANINDEUA

2022

ELIZABETE TRINDADE DA SILVA

HISTÓRIA E MEMÓRIA: Comunidade Quilombola Campo Verde

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em
História pela Universidade Federal do Pará,
Campus Ananindeua.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

ANANINDEUA
2022

FICHA CATALOGRAFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Silva, Elizabete Trindade da.
HISTÓRIA E MEMÓRIA : Comunidade Quilombola Campo Verde / Elizabete Trindade da Silva. — 2022.
47 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Curso de História, Ananindeua, 2022.

1. História. 2. Memória. 3. Músicas. 4. Quilombo. 5. Patrimônio Cultural. I. Título.

CDD 305.8036

ELIZABETE TRINDADE DA SILVA

HISTÓRIA E MEMÓRIA: Comunidade Quilombola Campo Verde

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura pela Universidade Federal do Pará, Campus Ananindeua.

Orientador: prof. Dr. Wesley oliveira Kettler

Banca examinadora

Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
(Orientador - Universidade federal do Pará)

Prof. Dr. Sueny Diana Oliveira De Souza
Univerdade Federal do Pará

Prof. Mestranda. Ana Maria Oliveira
Universidade Federal Do Pará

Apresentado em: 17/01/2022

Conceito: Bom (B)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus. Agradeço aos meus familiares que me ajudaram com palavras de incentivos, com suas orações, bons conselhos e aqueles que me ajudaram financeiramente, e a todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente. Gostaria de agradecer em especial a minha mãe que não está mais entre nós, já fez partida para morada do pai, Maria Trindade da Silva, que muito me ajudou para chegar até o fim, sendo avó e mãe dos meus filhos nos momentos em que precisei me ausentar para estudar, sem ela não sei se teria tido forças para chegar até o final deste curso; as minhas amigas Francicléia Ramos Pacheco, Elbia de Souza, Adriane soares, Eliandra Gleyce Rodrigues e a todos os outros discentes que fizeram parte dessa jornada junto comigo. Trilhamos caminhos difíceis, percorremos estradas longas e com muitas dificuldade chegamos ao fim de um novo recomeço, somos pessoas que nos tornamos transformadores de conhecimentos com a ajuda dos mestres que por nos passaram ensinando essas técnicas de ensino inovador da história, podendo assim contribuir com uma educação de qualidade, um ensino que vem nos propor caminhos novos na metodologia da educação.

Agradecer imensamente aos docentes desta faculdade que com muita sabedoria nós ensinaram a trilhar caminhos longos e ir além dos nossos objetivos, tiveram paciência em repassar conhecimento sábios nos tornando profissionais comprometidos com o ensino de história. A luta é sinônimo de resistência, “RESISTÊNCIA E PERSISTÊNCIA” foi tudo que tive durante esses anos de estudos, pensei muitas vezes em desistir, porém, essas duas frases citadas me serviram de incentivo para superar os desafios do dia a dia, como tudo na vida depende do acreditar, acreditei que este momento chegaria. Os caminhos às vezes podem ter sido longos e os atalhos nem sempre confiáveis, mas nem as maiores tempestades puderam abalar o ritmo da minha trajetória. Em cada rosto, esforço, persistência e uma grande vontade de lançar-se ao futuro.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância das músicas escritas por moradores da comunidade quilombola Campo Verde e como as pessoas se identificam através dessas músicas, firmando uma identidade e mostrando resistências, lutas e conquistas por seus direitos. Para a realização desta pesquisa fez-se necessário o uso de fontes como: entrevistas com moradores, lendas, fotos e letras das músicas. Para tanto, fiz uma análise da história de fundação do município de Concórdia do Pará, sua localização geográfica, a história de fundação da comunidade de Campo Verde no período de 1979 até os dias atuais. Em se tratando de uma comunidade quilombola também se engloba nesta pesquisa um pouco da história de fundação da ARQUINEC (Associação dos Remanescentes de Quilombo Nova Esperança de Concórdia do Pará).

Palavras-chaves: História. Memória. Músicas. Quilombo. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This article aims to show the importance of the songs written by the people of the quilombola community of Campo Verde and how people identify themselves through these songs, establishing an identity and showing resistance, struggles and conquests for their rights. To carry out this research, it was necessary to use sources such as: interviews with residents, legends, photos and musical lyrics. For that, I made an analysis of the founding history of the city of Concórdia do Pará, its geographical location, the founding history of the Campo Verde community in the period from 1979 to the present. In the case of a quilombola community, this research also includes a bit of the history of the foundation of ARQUINEC (Associação dos Remanescentes de Quilombo Nova Esperança de Concórdia do Pará).

Keywords: History. Memory. Quilombo. Music. Cultural heritage.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CAMPO VERDE: HISTÓRIA E MEMÓRIA	11
3 HISTÓRIA E CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA DO PARÁ	18
4 ARQUINEC	22
5 ANÁLISE DAS MÚSICAS	24
5.1 Música: Uma História do Negro no Brasil	26
5.2 Música: Negro Nagô	29
5.3 Música: Olha Que Eu Vim Lá de Longe	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
ANEXOS:	40
1. UMA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL (2014)	40
2. NÊGO NAGÔ	40
3. ARQUINEC A CAMINHAR (2015)	41
4. RAP DA FELICIDADE QUILOMBOLA (2015)	41
5. O NEGRO OSTENTAÇÃO (RAP) (2015)	42
6. EU SOU NEGRA (1991)	43
7. OLHA QUE EU VIM LA DE LONGE (1988)	43
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado no Quilombo Campo Verde, localizado no município paraense de Concórdia do Pará. Foi uma pesquisa intensa em relação a busca de fontes. Considero de extrema importância discutir a história e a memória do Quilombo Campo Verde por meio das músicas dessa comunidade, pois podemos perceber, como outras pesquisas concordam, que:

Tais cantos representam, na maioria das vezes, o cotidiano presente em sua comunidade; neles encontramos também ironia e ambiguidade, ou crítica social, com temas ligados à condição do negro, ou das lutas camponesas na região. Lembranças de confrontos, dificuldades e sonhos para a memória coletiva da comunidade (DOWLING, 2013, p. 202).

Com esses registros podemos perceber o reconhecimento da importância do Quilombo Campo Verde, dando ênfase nas lutas por seus direitos e mantendo sua resistência diante do sistema capitalista opressor.

O objetivo deste trabalho é compreender a história e a memória do Quilombo Campo Verde a partir das músicas¹ cantadas pelos moradores da comunidade. Considero que as canções exercem um papel central na vida do quilombo e podem ser consideradas patrimônio imaterial que apresenta formas de luta e resistência desse povo. As gravações das músicas estão disponíveis no website www.lveh.ufpa.br como registro histórico que consideramos produto deste trabalho de conclusão. A captura dos áudios e relatos que compõem o conjunto de fontes desta investigação foi possível a partir da colaboração de alguns moradores entrevistados, com destaque para uma compositora e outros três compositores das canções.

¹ Os moradores e moradoras do Quilombo Campo Verde se referem às músicas utilizando a expressão “paródia”.

Figura 1 - Igreja Católica na comunidade



Fonte: Arquivo Pessoal da autora (2021).

Figura 2 - Escola Quilombola Municipal de ensino fundamental de Campo Verde



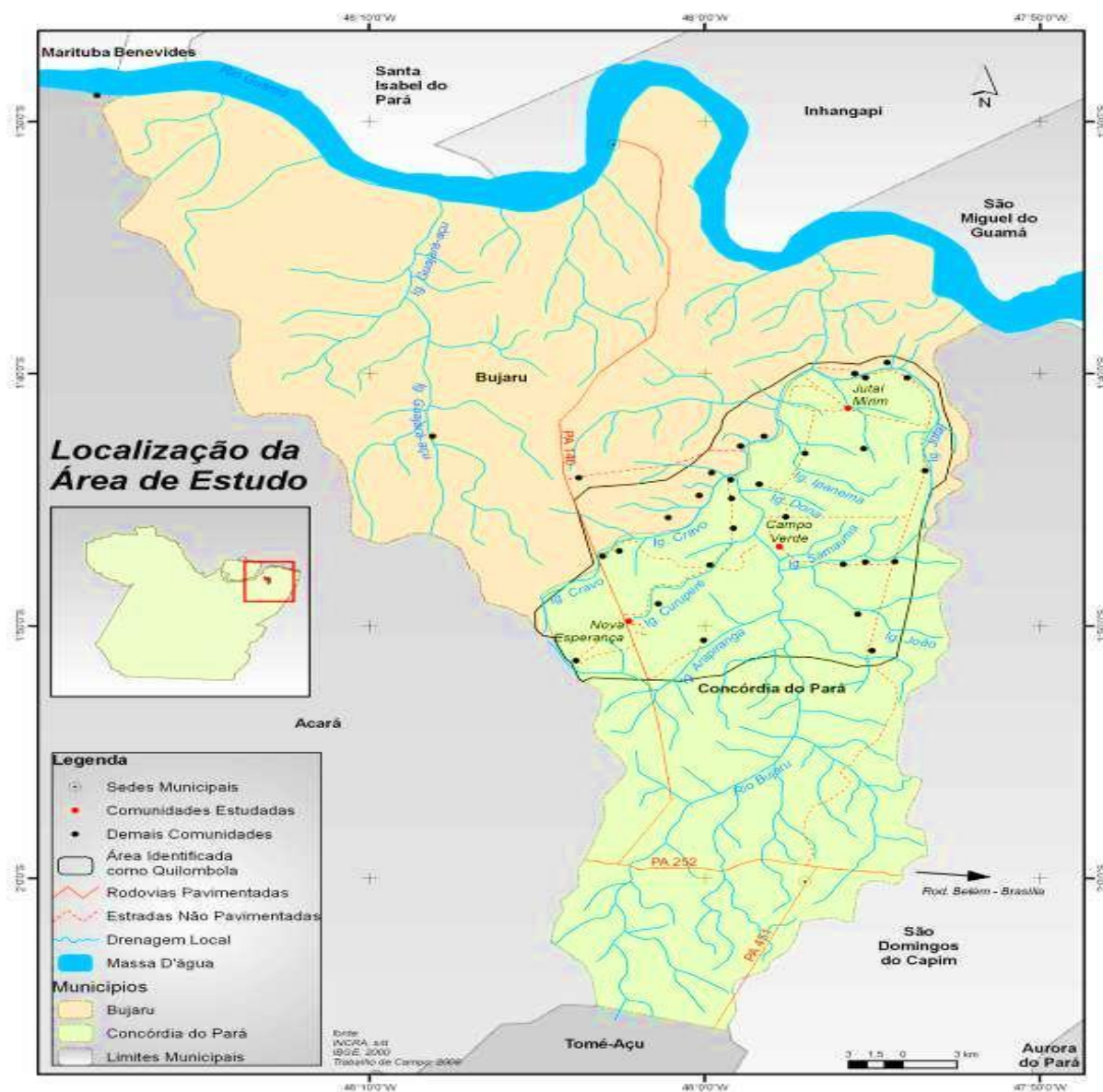
Fonte: Arquivo Pessoal da autora (2021).

2 CAMPO VERDE: HISTÓRIA E MEMÓRIA

A comunidade analisada neste trabalho chama-se Quilombo Campo Verde, localizado na estrada Transjutaí, ramal do Campo Verde no município de Concórdia do Pará, na região nordeste do Estado do Pará. Sua trajetória de luta territorial e resistência cultural tornam necessário o estudo da história desta comunidade fazendo com que se entenda seu modo de organização e seu espaço como grupo social, além de sua importância enquanto construção e fortalecimento de uma identidade quilombola; Maria Reis (2014) nos lembra da importância de trabalhar com relatos de moradores e memórias da comunidade porque isso permite entender melhor como eles atuam e promovem as sociabilidades a fim de fortalecer a identidade e o reconhecimento que incluem a titulação do território e as manifestações socioculturais como festividades e práticas tradicionais. Como por exemplo na comunidade encontramos as quais podemos estar citando que ocorrem nos meses de cada santo como a Romaria no mês de maio, passa-se o mês todo andando em romaria de casa em casa, logo em seguida vem a festividade do padroeiro São Tomé, com novenas somente na igreja e no mês de dezembro festeja-se Santa Luzia também com novenas na igreja. As mesmas são feitas jogos de bingos e leilões para arrecadar fundos para a comunidade.

Neste artigo trataremos da História e Memória da Comunidade de Campo Verde, que faz parte da Associação Remanescente de Quilombo Nova Esperança de Concórdia do Pará (ARQUINEC). Esta Comunidade está localizada na zona rural do município de Concórdia do Pará, estrada Transjutaí ramal Campo verde, a 38 km de distância da cidade, na região Nordeste do Estado do Pará. A Comunidade está situada às margens do rio Bujaru, à direita do rio Guamá segundo a localização observada no mapa abaixo.

Figura 3 - Mapa do município de Concórdia do Pará.



Fonte: <http://docplayer.com.br/66840375-Os-caminhos-da-regularizacao-fundiaria-no-municipio-de-concordia-do-para-pa.html>. Acesso em: 08 jul.2019.

Segundo relatos dos moradores mais antigos de Campo Verde, como o senhor Miguel Modesto da Silva, de 71 anos, e o senhor Laurindo Madaleno da Silva, de 77 anos, relatam que o Quilombo foi fundado em 1979 com objetivo de reunir os descendentes de ex-escravizados para formar, juntos, uma comunidade mais próxima de suas residências, pois segundo relatos dos moradores para participar dos eventos religiosos era preciso se deslocar por volta de 57 quilômetros até a Igreja Central de Bujaru. Seus fundadores

foram Apolinário Pereira e sua esposa Maria Cristina Santana, formando assim os grupos de evangelização onde a religião católica é predominante. Esses pioneiros fundaram o primeiro grupo, cujo nome é ‘Fé Em Deus’; a partir daí foram se formando outros grupos como: de mulheres, de jovens, catequese e outros no início da década de 80.

Nesse sentido, Para Edna Castro e Rosa Acevedo (1999 p.3) é possível perceber o movimento de mulheres como um dos principais movimentos que se articulam através de mobilizações tanto para dentro desse universo de comunidades negras rurais como para fora. Essas mobilizações se deram através de sindicatos como: Federação dos Trabalhadores rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Pará (FETAGRI), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimentos dos Pequenos Agricultores (MPA). No entanto, vale ressaltar, que antes da criação da ARQUINEC em 22 de Dezembro 2001, as mobilizações dos movimentos se davam por intermédio dos sindicatos dos trabalhadores rurais e da igreja que ainda são recentes. Também destacamos a importância do movimento negro e de remanescentes de quilos no Pará.

Segundo o relato do senhor Aquilino Madaleno, Adão e Clotilde foram os primeiros moradores desse lugar que deram o nome Campo Verde por haver uma densa e extensa mata quando eles chegaram a este lugar.

Quando chegamos nesse lugar, tinha só uma família, Adão e Clotilde “não lembro o sobrenome dessa família”, o meu pai foi comprando as terras aos poucos até que conseguiu comprar os lotes todos que pertencia a eles, que dar um total de 5 lotes, ao passar do tempo, ele fez uma casa grande onde nós morava, quando nos 5 irmãos já estava grande fomos casando. Aí quando um casava o meu pai dava um lote de presente para quem casava e assim que ficamos sendo dono da maior parte do território de campo verde somos os maiores proprietários de terras deste quilombo, nunca pensamos em fazer fazendas, pois o nosso objetivo é preservar as terras de acordo com nossas condições².

A fotografia a seguir mostra cinco irmãos que também são os maiores proprietários de terras da comunidade Campo Verde. Essas terras foram herdadas, eles

² Relato do senhor Aquilino Madaleno entrevistado em agosto de 2020. Morador do Quilombo, ressaltou que as entrevistas de 2020 que foram realizadas em campo, respeitaram as normas de segurança e medidas sanitárias de distanciamento, respeitando assim as normas sobre o COVID-19, evitando a aglomeração e fazendo uso de álcool em gel, a fim de evitar atitudes que pusessem em risco a saúde alheia.

são os primeiros a chegarem na localidade juntos de seus pais, Manoel Modesto Da Silva e Maria Madalena da Silva:

Figura 4 – Pioneiros do Quilombo Campo Verde.



Fonte: arquivo pessoal de Jose Francisco Maciel da Silva (2003).

Ao tratar neste trabalho sobre o Quilombo Campo Verde é indissociável pensar a questão da terra com suas questões indenitárias, como as tradições, a questão produtiva e o modo de vida que se estruturam a partir da terra; e como a partir dela temos a existência de bens simbólicos tanto materiais como imateriais. Entendendo-se como bem imaterial, as manifestações culturais intangíveis, “a imaterialidade é relativa e, nesse sentido, talvez a expressão ‘patrimônio intangível’ seja mais apropriada, pois remete ao transitório,

fugaz, que não se materializa em produtos duráveis” (FONSECA, 2009, p.66). Segundo a Constituição Federal de 1988 (2003):

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I. As formas de expressão;

II. Os modos de criar, fazer e viver;

III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico, cultural;

V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2003).

Desta forma meu objetivo é mostrar a importância das músicas para conhecer a história do Quilombo Campo Verde e como seus moradores a reconhecem como patrimônio imaterial. Segundo Maria Cecília Fonseca (2009) a questão do patrimônio imaterial ou patrimônio intangível, tem presença relativa nas recentes políticas de patrimônio cultural, pois a maioria dos patrimônios tombados centram-se em aspectos materiais, e em muitas das vezes em características arquitetônicas elitistas.

Outra questão importante e referente a alimentação, as pessoas se alimentam bastante da caça e da pesca e uma vez ao mês se faz compra em supermercado. Na comunidade Campo Verde a produção da mandioca é a principal fonte de renda dos moradores transformando-a em destacado elemento da cultura do povoado. A cultura material e imaterial faz parte do dia a dia das pessoas do campo e da cidade. Para tanto, os bens existentes nesta comunidade são: as festas tradicionais, festas religiosas, as heranças de famílias como: terras, fornos de torrar farinha, ou outros objetos passados de geração em geração, músicas, danças, etc. são considerados como bens imateriais culturais do lugar.

Embora não tenham como objetivo atribuir valor cultural aos bens a que se apliquem, esses instrumentos e essas práticas terminam por contribuir para a construção do patrimônio cultural brasileiro, “na medida em que atribuem signos a essas criações e asseguram o acesso a elas trazendo garantias e benefícios a seus consumidores” (FONSECA 2009, p. 63) Faz-se necessário desta forma refletir que há uma série de bens e manifestações culturais significativas para certos povos que possuem referências de grupos sociais formadores da sociedade brasileira.

Figura 5 - Festividade do padroeiro São Tomé.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Percebe-se que neste lugar há fortes laços com as lendas, culturas, costumes e outros mitos que foram herdados dos seus antepassados. Uma das lendas mais conhecida e muito contada pelos moradores é a lenda da cobra grande. Outra importante lenda é da Matinta Pereira. Muitos acreditam que existe alguns lugares que em determinados horários só se transita quem tem muita coragem para encarar os ruídos e outros sinais que são visto pelos moradores do quilombo assim contam as pessoas idosas desta comunidade. Quando as pessoas vão caçar precisa pedir permissão ao capitão do mato para não sofrer agressões pelos seres invisíveis da mata. Para Fonseca (2009), dar-se também interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, saberes e técnicas, podem ser considerados exemplos de patrimônio imaterial o qual pode parecer um entendimento amplificado da noção de patrimônio cultural com algumas consequências: “pode apresentar dicotomias que tradicionalmente se organizam o campo das políticas culturais, produção x preservação; presente x passado; processo x produto; popular x erudito”

Segundo Pierre Nora (1981), trata-se da importância de se preservar os lugares de memórias. Para o historiador, os lugares são constituídos pelas paisagens e pelo jeito de pensar, falar, trabalhar e de viver das pessoas. Cada um tem sua identidade cultural. A comunidade também se mobiliza para a manutenção de uma identidade que é apresentada para as crianças e jovens de diversas formas. A foto abaixo, foi do evento do dia da consciência negra no ano de 2019. As crianças desde sua infância aprendendo a se identificar através das culturas afro, representadas pelos seus penteados afro:

Figura 6- Crianças quilombolas do Campo Verde



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 7- Oficina de capoeira representada pelos alunos e professores da escola quilombo Campo Verde.



Fonte: SILVA, Alice Maciel da (2020).

3 HISTÓRIA E CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA DO PARÁ

A criação do Município de Concórdia do Pará teve todo um processo de lutas e conquistas. E o seu processo histórico está vinculado ao Município de Bujaru- Pará como pode perceber, sua trajetória faz parte do contexto do Rio Bujaru onde seus primórdios indenitários foram se caracterizando com os povos tradicionais. Nem se sonhava existir uma cidade nessa época e aos poucos foi mudando foi mudando com a chegada algumas pessoas em busca de melhores condições de vida. Segundo dados obtidos da câmara municipal de Concórdia, tudo começou com o processo de ocupação de acampamento. Dentro deste contexto, a cidade quando estava iniciando seu processo ocupacional recebeu seu primeiro nome de Quatro Bocas que perdurou até a segunda escolha. Quando

já tinha um número alto de família um novo nome surge o ocasionou o nome de Vila Concórdia em meado da década dos anos de 1970.

Segundo dados obtidos da câmara municipal³, Concórdia do Pará surgiu no auge da extração de madeira na década de 1960, como resultado do avanço paraense “[...] das chamadas frentes pioneiras, as migrações, a abertura de estradas no espaço do Estado e o surgimento de concentrações populacionais nas beiras e/ou interseção das vias de penetração.”. Primeiramente foi aberta uma estrada em direção ao município de Tomé Açu, a qual atraiu diversos migrantes madeireiros. Antes era apenas uma vila pertencente ao município de Bujaru que possivelmente se expandiu para terrenos próximos, resultando na formação de novos povoados. No ano de 1985, aconteceu se primeiro processo de emancipação o qual não obteve sucesso, devidos aos diversos entraves que impediram como: estrutura de trabalho da comissão e a falta de uma coordenação que agradasse os políticos da época e ganhar mais forças para emancipar vila Concórdia. Em 1986, o vereador Walmir de Araújo Alves estava vereador pela câmara de Bujaru o qual era representante da vila Concórdia, iniciou-se novamente um novo projeto de emancipação com apoio de outros de outros vereadores, deputados estaduais e deu a entrada na assembleia legislativa do processo de criação do município de Concórdia da Pará. Após essas lutas vem a grande conquista, no ano de 1988 inicia-se a emancipação político-administrativa de Concórdia do Pará através de seu representante Walmir de Araújo Alves, vereador na época. Sendo fundada em 10 de maio de 1988, mediante a promulgação da lei nº 5.442, estatuída pela assembleia legislativa do estado. Concórdia do Pará foi reconhecida como município, adquirindo a sua emancipação de Bujaru e configurando a sua área patrimonial com terras desmembradas dele.

Segundo manifestações verbais dos mais antigos povoadores de Concórdia do Pará, o primeiro núcleo populacional, a partir do qual começou a surgir o novo município, recebeu o nome de vila Concórdia, a mesma que se encontrava localizada na interseção das estradas PA-152 com a PA-140. (SOUZA; CORTINHAS. 2014, p. 4).

Reconhece-se que o primeiro habitante desse ponto de confluência das duas estradas foi Raimundo Cordeiro de Abreu, ao qual foram se agregando outros povoadores que, com suas práticas agrícolas e comerciais, iniciaram o processo de congregação

³ Dado obtido no site, disponível em: <https://concordiadopara.pa.gov.br/o-municipio/historia/>.

social, econômica e urbana de forma espontânea no lugar. O conjunto das atividades por eles desenvolvido foi adquirindo dinamismo e atraindo cada vez mais habitantes, de forma que foi ocorrendo a evolução do núcleo urbano, assim como a sua área de influência, e se fizeram sentir nos Municípios vizinhos e no próprio Bujaru, onde estava localizado (IBGE, 2010). O iminente avanço da sociabilidade com municípios vizinhos agregou certa importância para aquele local, desenvolvendo-se também o sentimento de identidade local.

Distante cerca de 150km da capital do estado do Pará localizado ao nordeste paraense, atualmente o referido município tem uma população total estimada em 30.801 habitantes segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conta com uma área de 690,947km² gerando uma densidade demográfica de 40,84 hab./km² (SOUZA e CORTINHOS 2014 p.11). Este município é privilegiado por estar numa região de fácil acesso, e economia ligada à capital. Vale ressaltar que, neste município desenvolve-se vários tipos de atividades econômicas tidas como fonte de renda das famílias moradoras do município. Segundo documento obtido diretamente na câmara municipal do município⁴, a principal atividade econômica é a pimenta do reino e a agricultura de subsistência, tendo como principal a farinha de mandioca. Atualmente, através da empresa Biopalma da Amazônia S.A., vem sendo intensificado o Dendê Tauá, visando produção de biodiesel. A mesma também gerou emprego e renda para muitas pessoas, principalmente jovens que se encontravam em situação de desemprego e situação de vulnerabilidade social.

O reconhecimento da importância econômica e social dessas terras onde se estabeleceu o município de Concórdia, pode referir-se ao momento do surgimento do Município de Bujaru, no qual os primeiros habitantes, migrantes nordestinos, na sua grande maioria, se estabeleceram. Para melhor entender como se deu a formação do município de Concórdia apresento a poesia de Selma Lopes⁵, produzida durante a pandemia de 2021 para o concurso online em comemoração aos 33 anos do município.

⁴ Ver anexo

⁵ Poesia de autoria de Selma Lopes em 2021, aluna da Escola Cristo Libertador, zona urbana do município de Concórdia do Pará/PA.

Concordia: um pedacinho do Pará

Na década de 60
 No vale do **Acará**
 Uma pequena vila
 Começa a levantar
 E o primeiro morador
 Vou lhe apresentar.
Raimundo Cordeiro de Abreu
 E o nome do cidadão
 Junto com outros moradores
 Povoaram este **chão**.
Quatro Bocas foi o nome
 Que a vila recebeu
 Por estar em um cruzamento
 Quando a vila se ergueu
 E por muitos anos
 Ao município de **Bujaru**
 Essa vila pertenceu.
 Muitos anos se passaram
 A pequena **vila** cresceu
 Hoje é emancipada
 Tem um governo que é só seu.
 Por existir harmonia
 Entre o povo deste lugar
 Decidiram em assembleia
 Aquele nome trocar
 Vamos chamar de **Concórdia**
 Alguém disse com firmeza
 Nós não temos capataz
 Vivemos todos em **paz**
 Esse é o nome com certeza.
 Hoje nesse município
 Tem várias comunidades
 Tem áreas de **assentamentos**
 Com muitas propriedades
 E as áreas de **Quilombos**
 Com suas diversidade.

A poesia que conta um pouco da história da cidade de Concórdia do Pará, pontua alguns eventos da história de maneira mais pessoal, resgatando uma memória popular, principalmente para aqueles habitantes mais antigos. Interessante comparar com o hino oficial do município que retrata uma história mais idealizadora de uma identidade local. Vale ainda destacar como a mensagem da letra da música está relacionada a memória de um período de escravidão que foi superado, “nos não temos capataz”, e a diversidade existente na região explicitada no poema.

Avante concórdia altaneira
 cidade bela e varonil
 que surgiu no apogeu da madeira
 pedacinho do nosso brasil
 no esplendor da alvorada feliz
 como um riso alegre de criança
 o sonho transformou-se em realidade
 surgiu então a liberdade
 Concórdia, te amamos e
 elevamos nossa voz
 unidos lutaremos
 e ao progresso a levaremos nós.
 Avante concórdia altaneira
 cidade bela e varonil
 que surgiu no apogeu da madeira
 pedacinho do nosso brasil
 depois de tanto lutar
 surgiu então a esperança
 todos juntos a vibrar de coração
 chegou a emancipação
 Concórdia, te amamos e
 elevamos a nossa voz
 unidos lutaremos
 e ao progresso a levaremos nós⁶.

A cultura local deste município e suas tradições geracionais. Uma das tradições mais preservadas é o tradicional baile do cheiro criado no ano de 1989, realizado no mês de junho, tem como objetivos apresentar as culturas existentes no município. A festa conta com animações de danças típicas, forró, quadrilhas juninas, grupos folclóricos, venda de artesanatos, e comidas típicas. É uma festa que busca movimentar a economia da cidade e tem a renda revertida aos programas sociais de atendimento a crianças, jovens e adolescentes.

4 ARQUINEC

Hoje eu nasci de novo, junto com meu povo, nós vamos lutar. Com muita alegria pela melhoria, aqui deste lugar, assim vou caminhar, e escutar o seu cantar, é uma beleza, a natureza se valorizar (Música Do Quilombo Campo Verde)⁷.

No dia 22 de Dezembro do ano de 2001 foi fundada a Associação Dos Remanescentes de Quilombo Nova Esperança de Concórdia Do Pará (ARQUINEC). Na

⁶ Hino oficial do município de Concordia. Letra por Carmém Lúcia Guimarães, Sorival Oliveira, Maria Luzia, Lucilene Lima Carvalho, Lolene dos Passos, Rosimere Amaral e Conceição Santos.

⁷ Música: ARQUINEC A CAMINHAR, autor: Canuto Cordeiro (2015)

ata de fundação da ARQUINEC localizada em sua sede que fica na comunidade de Santo Antônio⁸, dita que segundo estudos antropológicos existia ali pessoas descendentes de negros escravizados que fugiram pelo rio Guamá se estabelecendo naquelas terras às margens do rio; na época do tráfico de negros no século XIX.

Em contato com essa documentação da entidade, o livro de ata das reuniões, encontra-se informações a respeito da história de luta dessas comunidades, tendo como primeiro presidente o senhor Sebastião Pereira da Costa que trabalhou por quatro anos consecutivos, onde as comunidades se unificaram e vieram pra ARQUINEC, as comunidades que faziam parte da entidade eram: Santo Antônio, Curuperé, Igarapé Cravo, Castanhalzinho, Igarapé Dona, Campo Verde, Ipanema e Jutáí. No ano de 2010, saiu a titulação pelo Instituto Nacional de Colonização e reforma Agraria (INCRA), somente quatro foram contempladas: Campo Verde, Santo Antônio, Dona e Ipanema.

A história das comunidades remanescentes de quilombo de Concórdia do Pará, vem desde o ano de 1991 com os círculos de cultura, desenvolvido pela comissão pastoral da terra. Ressalte-se que esses estudos levaram as pessoas a descobrirem laços em comum com a escravidão, de tortura e de exploração, as evidências de identidades e também os engenhos que ainda hoje se encontra vestígios da formação dessas comunidades, como mostra o fascículo 11, (Nova Cartografia da Amazônia – Dr^a Rosa Acevedo Marim 2011). A historiadora Rosa de Acevedo (1998) escreve em sua pesquisa como a arqueologia busca vestígios para saber se havia ali algo que viesse mostrar a existência de uma raça ou povo ancestral existente naquele lugar. Assim, logo descobrimos que o nosso povo pertencia a uma raça, e essa raça é a raça negra. Foi importante essa descoberta, pois mostrou que a comunidade unida estaria mais forte para conquistar seu objetivo, que era o título coletivo⁹. Segundo a pesquisadora Malcher (2012 p. 8) no dia 09 de setembro do ano de 2006, a ARQUINEC conquistou o tão sonhado título coletivo, porém, só estavam inseridas quatro comunidades. As demais comunidades ficaram de fora devido um erro de demarcação dos territórios feito pelo INCRA¹⁰; e cinco comunidades ficaram somente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares: Curuperé, Curuperezinho, Timboteua

⁸ Uma das comunidades tituladas pela fundação cultural palmares com a ajuda da ARQUINEC. Localiza-se do lado esquerdo do rio Guamá, para o lado da PA 140.

⁹ título coletivo é o documento oficial das terras Quilombolas

¹⁰ Instituto nacional de colonização e reforma agrária.

Cravo e Velho Expedito. Esse reconhecimento não foi eficaz, pois as comunidades que ficaram de fora da titulação não ficaram satisfeitas com o processo de titulação e naquele momento cria-se um conflito entre comunidades tituladas e não tituladas, por acharem que houve ali uma política diferenciada¹¹ (MALCHER 2012 p. 8).

Maria Malcher (2012 p. 4), afirma que foi através do círculo de cultura que as comunidades do Cravo, Santo Antônio, Campo Verde, Ipanema e Dona começaram a se organizar através do projeto educacional intitulado “alfabetizar para a vida”. Desta maneira foram ganhando espaço nas conversas cotidianas temas relacionados às origens da comunidade, buscando conscientizar os moradores sobre sua cultura ancestral. Aos poucos as histórias do período da escravidão foram sendo contadas, histórias de famílias que ali moram, e que no passado seus ancestrais foram escravos das fazendas de engenhos daquela região, assim a história de escravidão vivida nestes espaços foram se tornando mais nítidas, e valorizadas.

5 ANÁLISE DAS MÚSICAS

Selecionamos oito músicas, produzidas por moradores da comunidade, para analisar e, através delas, mostrar a importância no território quilombola da comunidade Campo Verde e como elas são apresentadas nos eventos. Bem como também mostrar como as pessoas se identificam com as músicas, sua representatividade dentro dessa comunidade apresentando-as como patrimônio imaterial dentro desta comunidade. Nesta localidade entende-se como patrimônio imaterial, as terras de heranças, as festas religiosas e os objetos atribuídos de geração a geração, como: joias, fornos de cobre, etc. Porém, para o IPHAN os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). O patrimônio Imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas

¹¹ As comunidades reconhecidas pelo Fundação Cultural Palmares recebem uma certificação de pessoas oriundas de território quilombola, enquanto que as outras receberam um título definitivo do INCRA que lhes dá direito à coletividade territorial sobre a terra.

comunidades em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento e continuidade, contribuindo para promover o respeito a diversidade cultural e a criatividade humana (PELEGRINI; FUNARI, 2017). As músicas completas se encontram em anexos deste documento.

Para tanto, o objetivo é analisar as músicas como patrimônio cultural imaterial levando em consideração as especificidades que as mesmas representam para esta população como um processo de reafirmação de suas identidades. Se pensarmos na Constituição Federal de 1988, que entende como patrimônio cultural, bens portadores de referência à identidade, à nação, e à memória dos diferentes grupos. Nesse sentido, iremos observar como as músicas carregam elementos históricos importantes para a identidade local, seus signos e melodias demonstram a vontade ressignificação como meio de manter viva memórias e histórias para se orgulhar. Maria Cecília Londres Fonseca (2009) enfatiza a necessidade de preservação de toda e qualquer manifestação que configure cultura imaterial, porém sem deixar de lado a importância de renovação do mesmo.

Associando a construção de tradições e cultura através da sua relação com o território, os saberes locais e modo de vida; envolvendo membros desta comunidade como atores deste processo apresenta-se a identificação dos patrimônios culturais dando ênfase aos modos em que os membros desta comunidade intervêm ou compreendem como patrimônio cultural. Ao apresentar a temática observa-se que a “preservação deste patrimônio com a participação social, por meio da identificação para o reconhecimento das tradições e modos de viver e se estruturar como um processo de valorização e construção cultural, fortalecem as questões de identidades evitando a fragmentação de seus bens imateriais e materiais e de seu território, para um processo de patrimônio vivo”. De acordo com o antropólogo de origem africana, Kabengele Munanga, “essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente” (MUNANGA. 2006, p.14). “Torna-se possível, deste modo, a existência de tais cantos, danças, e performances – ou brincadeiras na realidade das comunidades quilombolas, com reafirmação identitária” (DOWLING, 2013, p. 2).

As músicas, letras e melodias configuram-se também como textos de resistência, protesto, rebeldia e afirmação. Aí são registradas as histórias, evocadas e forjadas as ligações passadas e narrado o presente-alegrias e tristezas, anseios e revoltas, tradição e história constituem a temática básica de

um discurso de afirmação indenitárias e de protesto que caracteriza as produções poéticas e musicais negras (FIGUEIREDO; FONSECA. 2002).

5.1 Música: Uma História do Negro no Brasil

A música “**Uma história de negro no Brasil**”¹² é uma das mais cantadas nos eventos realizados pela ARQUINEC, ela expõe as condições precárias que os negros escravizados por muito tempo sobreviveram. Foi escrita pelo senhor Canuto Cordeiro dos Santos, no ano de 2014, para um trabalho escolar realizado por um grupinho de estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Além dessa música, o autor escreveu mais duas músicas analisadas neste trabalho, são elas: ARQUINEC a caminhar e o rap da felicidade Quilombola (esta última sendo uma paródia, escrita a partir da música do cantor Latino) onde traz um forte debate a questão da escravidão no Brasil, devido a forma em que ela foi escrita chamou muito atenção por parte do professor que lecionava e também das pessoas que assistiram à apresentação do resultado da música. Observamos críticas ao sistema escravocrata e seus coniventes “Além de vestir e cuidar mal, dos Negros que adoeciam, os senhores deveriam cuidar, dos seus cativos e não faziam. Todos os observadores, dessa imensa escravidão, precisavam denunciar, uma má alimentação”¹³.

A música de seu Canuto busca inspirar o sentimento de identificação e orgulho, talvez por estes fatores e o ritmo que tem, a música tenha se tornado uma das mais lembradas em eventos da comunidade buscando uma forma de reafirmação de identidade das pessoas negras. O autor da música tem 57 anos, nascido e criado na comunidade campo verde, e casado tem 13 filhos, e servente da Escola Quilombo Campo Verde desde 2008, e secretário da comunidade, tocador de violão na igreja. Compõe suas músicas por gostar muito de cantar e tocar, diz que aprendeu a tocar com seu pai quando era bem jovem.

Vestir morar e comer, é o tema dessa História, falar do Negro é um prazer, muita honra e muita glória. Hoje o Negro tem espaço e, mais oportunidade, hoje já tem muitos deles, dentro da universidade.

¹² Música “Uma história do negro no Brasil” de Canuto Cordeiro, 2014. Ver Anexo I.

¹³ Entrevista ao sr. Canuto Cordeiro em abril de 2014.

Sou Negro muito simples, mas não tenho muito valor. Escrevi está musiquinha, mas não sou compositor, eu só quero ajudar no trabalho da escola, aqui quero me assumir, como Negro Quilombola¹⁴.

Segundo o senhor Canuto Cordeiro essa música é uma lembrança pessoal à história de seus ancestrais; com isso o autor começa com um refrão fazendo lembrar um pouco de como é muito prazeroso revelar essa história de vida e botar para fora aquilo que não deve ser silenciado ou até mesmo esquecido. Guimarães (2016, p 33), traz uma reflexão sobre este silenciamento e esquecimento a história do negro em perspectiva de que por muito tempo foi visto como termo pejorativo da história brasileira e geograficamente associado a territorialidade como “ lugar do negro” na sociedade, dizendo que não houve exclusão total, criando assim esse termo para se dizer, que o negro teria lugares apropriados para frequentar. Na música ainda acrescenta:” mais porque é que me propagas, falar do negro com prazer, eles não tinham direito em vestir morar e comer, este é o pior sistema que todo mundo já viu, agora nós vamos relatar a história do negro no Brasil”¹⁴.

Ele expõe a história que se relaciona com seu grupo, Segundo Geny Ferreira Guimarães “[...] ao ser descoberta e/ou redescoberta é possível ser mostrada e aos poucos desenvolver um sentimento de pertencimento, amor, mesmo que sobreviva enquanto sonho e narrativas de resistência e liberdade, intercaladas por dores” (GUIMARÃES, 2016, p. 7). A autora ainda esclarece que os esquecimentos históricos fazem parte de uma necessidade estrutural, no qual existe o interesse em manter um relato oficial de formação brasileira, exaltando a tradição pertencente a um grupo hegemônico. Seu Canuto ao fazer questão de trazer à tona memórias que se relacionam diretamente ao seu grupo de pertencimento, parece dar voz aos antepassados que por muito tempo foram silenciados pelos relatos oficiais da história¹⁵ Remetendo uma memória que faz reverência e referência às resistências e pertencimento.

¹⁴ Música “Uma História do Negro no Brasil.” Ver anexo para letra completa.

¹⁵ Ainda hoje o relato oficial que dita a existência de uma democracia racial brasileira se mantém para algumas pessoas. Por muito tempo a historiografia se construiu de acordo com os interesses nacionalistas, romantizando o Sistema escravocrata e silenciando suas atrocidades.

Para estas comunidades negras a música representa o fortalecimento de sua identidade. Souza e Cortinhas (2015 p.2) escreveram na sua pesquisa sobre essa relevância de preservar as culturas assim como os quilombos representavam e representam espaços de lutas e resistência dos negros. Ressaltam ainda que os territórios em que vivem os remanescentes de povos quilombolas são palcos representativos de lutas por direitos básicos, como qualidade de educação, saúde e posse de território onde vivem, o que é primordial para a manutenção do modo de vida. Para tanto, esta música busca rememorar a situação de moradia dos negros, as alimentações, pois, só comiam o resto que sobrava, não tinham um lugar adequado para dormir, as doenças que os acometiam levando a óbito por falta de cuidados, e também sobre a educação precária. Não possuíam oportunidades para estudar, no entanto através de muita persistência e coragem mantiveram viva sua cultura e alcançaram direitos, possibilitando hoje aos seus descendentes ter seus espaços conquistados aos poucos e ainda continuam lutando por mais direitos sociais, pois sabemos que foi através de muitas por políticas públicas que muitos negros conseguiram chegar a uma graduação, a exemplo como pelo PSE (processo seletivo especial), garantindo assim acessos as Universidades públicas.

Segundo o estatuto da igualdade racial, no artigo 2º, é: dever do estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades, reconhecimento a todo cidadão brasileiro, independente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, especialmente nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais. Para nós negros e negras a importância da luta da luta por seus direitos é tudo. Nossa força está nas lutas pelo que e nosso por direitos constitucionais em todo e qualquer lugar.

Ainda retratando sobre esta canção, os autores Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006, p .78), discorrem o tema vestir, morar e comer, analisando como se dava a relação dos senhores e escravos nas fazendas de café, nas senzalas e nas minas. As condições de moradias eram bem precárias, por tanto, a morada dos escravos eram chamadas de senzalas, lugar onde estava localizada a moradia dos serviços em propriedades agrícolas separado da casa grande onde ficava a moradia dos senhores. Existia nas grandes propriedades rurais dois modelos de moradia: senzalas e barracão, o

qual situava nas proximidades da casa grande, para manter a vigilância os escravos para não fugir e também controlar os horários de trabalhos e um outro barracão para mulheres que poderia também ter alojamentos para casais com filhos. Essas senzalas eram trancadas pelos feitores, não tanto para impedir fugas, mas para estabelecer disciplinas, determinando os horários de entrada e saída ao trabalho. O segundo modelo eram barracos separados, construídos com barro batido e cobertas com sapé ou telhas de cerâmicas, construídos pelos próprios escravos. Assim, nesses barracos tinham liberdade para realizar suas atividades culturais e domésticas. Quanto às vestimentas dos escravos, eram totalmente precárias.

“Os senhores de engenhos costumavam distribuir roupas prontas e tecidos duas vezes ao ano, no início e no fim do período de corte e moagem de cana. Geralmente existia um barracão só para homens, que dormiam ali trancados, com muito frio e muita fome. O feitor determinava a hora de se recolher, e começar a trabalhar logo após amanhecer” (ALBUQUERQUE 2006, p 79).

5.2 Música: Negro Nagô

A música “**Negro Nagô**” é uma música de autoria da pastoral da juventude, BANDA PJ E RAIZ sobre a realidade em que vive o negro na sociedade ainda hoje, as possibilidades para o enfrentamento do racismo. Essa música tem origem em um projeto religioso de teologia da libertação da Igreja católica¹⁶, onde é possível o desenvolvimento de ações que contribuam para a superação das discriminações raciais (GUIMARAES 2018 p. 86). Esse projeto buscou problematizar a questão racial como forma de resistência e aceitação identitária na atualidade, combatendo o racismo interno e externo da comunidade. Segundo Guimarães (2018) as músicas e as danças também contribuíram para criar um ambiente afro a missa. Para além dos instrumentos comumente usados no cotidiano, como o violão e o teclado, havia também tambor e atabaque, que ajudavam a marcar o ritmo. O autor também escreve que, além disso, a alegria dos músicos e seu balanço ao ritmo de cada canção também diferenciavam das missas oficiais, onde há uma forma bem comedida, sem muita expressividade, passando até mesmo despercebidos em muitas ocasiões. A música foi um dos maiores destaques na missa afro, foi algo que

¹⁶ As ações da pastoral da juventude (PJ) são desenvolvidas nas comunidades, em níveis diocesanos e regionais.

chamou muito atenção e muito bem participada. Diz ainda que as letras possuíam fortes caráter político, problematizando a questão racial: (GUIMARAES 2018, p. 98).

Eu vou tocar minha viola, eu sou negro cantador
O negro canta deita e rola, lá na senzala do senhor.
Dança aí negro nagô, dança aí negro nagô
Dança aí negro nagô, dança aí negro nagô.
Tem que acabar com essa história de negro ser inferior
O negro e gente e quer escola, quer dançar samba e ser doutor¹⁷.

A música contém uma afirmação de alguns estereótipos negativos sobre o negro: nos dois primeiros versos e apresentado o negro como um ser orientado a tocar e cantar e em seguida e passada a noção de que há uma espécie de adaptação positiva do negro a senzala. Para tanto, a condição social do negro não se inspira a cantar e dançar, mas à resistência contra as opressões centenária que os afligem. Homens jovens negros são as principais vítimas da violência racial. Outro estereótipo que a música acaba por reforçar é a ideia de que o negro brasileiro deve saber historicamente dançar samba pois lhe é inerente.

Por outro lado, a música consegue transmitir a análise de muitos estudiosos do pós- abolicionismo “O negro mora em palafita, não e culpa dele não senhor /A culpa e da abolição, que veio e não o libertou”. Apesar de oficialmente os negros estivessem libertos, ainda estavam presos em um sistema racista que não tomou medidas para inserir esses negros na sociedade; relegando-os um “lugar do negro”, segundo Geny Ferreira Guimarães (2016) afirma ao expor essa forma de silenciamento da população negra. Remetendo a um problema social, que ainda é muito atual, sendo consequência desse silenciamento, as precárias condições de moradia. A população negra no Brasil atualmente é a maior parte daqueles que vivem na pobreza em ambiente precário (WERNECK, 2016).

A música fala do negro nagô. Os Nagôs, representavam uma das etnias africanas, os quais entendiam e falavam a língua Iorubas. Trazidos para o Brasil no tráfico negreiro precisamente tiveram que se adaptar ao Brasil mantendo e preservando costumes

¹⁷ Autoria: Banda PJ e Raiz, pastoral da juventude. Ver anexo 2

originários. Conversando com moradores da comunidade Campo Verde e possível notar que poucos conhecem a história dos nagôs, muito menos seus costumes e tradições.

5.3 Música: Olha Que Eu Vim Lá de Longe

A Campanha da Fraternidade de 1988 (CF-88) adotou a temática “A FRATERNIDADE E O NEGRO”. Nesse emblemático ano da história do Brasil, lembrou-se o centenário da abolição da escravidão, implementou-se uma nova constituição e, em consequência, realizaram-se diversos eventos (PIMENTEL 2015 p. 603). Havia uma grande questão racial em que os movimentos estão se estruturando para um debate complexo e preciso com a sociedade negra, dentro da Igreja Católica para debater as questões políticas e democráticas que havia desde a ditadura militar em 1964. E as mazelas da época em que assolavam os negros naquele contexto.

Nas músicas se encontram palavras que representam a dor, a alegria, as conquistas, expressão de sentimento, cor, raça, história e o mais importante a identidade do povo negro se expandindo através das letras dessas músicas. Podemos pensar que parte da população negra a música representa o conforto que muitos negros encontravam para suportar o sacrifício que os seus ancestrais passavam nos porões quando estavam sendo levados pelas pessoas que praticavam a escravidão. A música “olha que eu vim lá de longe”, o hino principal da Campanha da Fraternidade no ano de 1988, vem nos mostrar esse rebuliço de enfrentamento sobre a questão escravocrata e racista da sociedade.

Olha que eu vim lá de longe, perdendo raízes enchendo porões, olha cruzei
tantos mares, pisei novas terras sofrendo grilhões.

Mais, meu canto bonito, nem dor, nem corrente jamais abafou

Pois, ser livres eu queria, meu Deus es a força de quem confiou.

Olha vendido em leilão, moído em engenho, plantei meu suor

Olha nos campos roçados, reguei com meu sangue meu sonho maior¹⁸

¹⁸ Hino da Campanha da Fraternidade, 1988, ver anexo 7.

A triste viagem da África ao Brasil, chamava-se “**tumbeiros**” os navios que transportavam os negros da África para o Brasil. Nos porões dos navios a viagem era difícil, havia pouca comida na maioria das vezes água, e banana, era comum as epidemias, que chegavam a matar metade dos prisioneiro (CONRAD, 1985). Os doentes e os mortos eram atirados no mar, a viagem era feita todos na mesma posição, sentados, pois não havia espaço para ficar em pé ou deitar, ficavam em porões escuros, sem ver a luz do sol durante toda viagem que durava de 35 a 40 dias. Ao desembarcarem ao Brasil, imediatamente os negros eram batizados, leiloados, vendidos e marcados a ferro como se marca um gado. O negro ou era caçado como animal pelos comerciantes portugueses com o uso da violência ou trocado como mercadoria com os chefes das tribos por produtos de pouco valor, como fumo, armas de fogo, etc. (CNBB- CF 1988).

Segundo (PRASS 2008 p 258), “essas práticas musicais e seus praticantes tem me levado a conhecer outros âmbitos da vida comunitária: a lida no campo, sua organização política através das associações comunitárias, seus valores, memórias e sonhos futuros”. Portanto muitos dessas perspectivas se espelham nas músicas locais

O negro quer o racismo acabar;
 E o preconceito eliminar;
 O negro quer uma escola pra estudar;
 E uma casa pra morar;
 O negro quer ter uma universidade;
 Para manter a sua igualdade;
 O negro quer o que é seu por direito¹⁹

As comunidades quilombolas tiveram uma luta muito grande pela educação dos seus filhos, onde muitos deles são os idosos que não tiveram oportunidade de estudar e assim através das suas lutas buscaram inserir seus filhos, netos, sobrinhos ou outros parentes nas escolas e nas universidades para que eles possam ter mais vez e voz no mercado de trabalho.

Outra música que destaca a luta contra um sistema silenciador é a música “**eu sou negra**” de autoria da Antonina Borges. Ela foi a primeira articuladora da ARQUINEC, para que chegassem a se tornar uma entidade sem fins lucrativos e também nos movimentos de mulheres no ano 1991, quando atuava como articuladora do círculo de

¹⁹ Música “O negro ostentação”, de SILVA e MACIEL. Ver anexo 5.

cultura em várias comunidades dessa região, um programa criado para alfabetizar os adultos baseado na metodologia de Paulo Freire a qual “consiste em uma maneira de educar conectada ao cotidiano dos estudantes e as experiências que eles tem, e por isso, também ligado a política, especialmente porque Freire trabalhou com a alfabetização de adultos”(Entrevista com Antonina Borges, fundadora da ARQUINEC, 2020).

Nesse círculo de cultura trabalha o coordenador, porém, era voluntario, não tinha um salário fixo para dar as aulas para esses adultos, diz ela que era um trabalho muito proveitoso, o qual se denominava de descoberta da cultura, além de alfabetizar, trabalhava-lhe a conscientização do ser humano, para que a pessoa pudesse se tornar um cidadão negro brasileiro de fato sabedor de sua história e da história dos seus ancestrais e também não ser brasileiro só de documento, mais conhecedores dos seus direitos e deveres dentro dessa luta social, e não ser preso ao sistema capitalista. Além dos círculos de cultura também trabalhei com outros grupos, um deles era o movimento de mulheres da região Guajarina baixo Tocantins. Essa música foi criada quando fui na comunidade do Ipanema, lugar este onde eu nasci, lá fui apresenta como funcionava este círculo de cultura, e as pessoas da comunidade se revoltaram contra mim porque achavam que era trabalho de comunista dizendo que ninguém trabalha de graça, e fui impedida de apresentar sendo expulsa da comunidade, com isso fiquei revoltada e resolvi escrever a música como forma de resistência e desabafo, para mim era a chave do combate ao racismo e de mostrar o papel da mulher negra na sociedade (entrevista com Antonina Borges, fundadora da ARQUINEC, 2020).

Negro não gosta de quem possa massacrar, negro quer vida e sua cultura
resgatar, negro dança e luta, luta e dança capoeira, eu sigo o rei Zumbi, sou
mulher negra guerreira.

Não adianta tentar me calar, não adianta tentar me xingar, não adianta tentar
me matar! Eu sou negra, e negra é forte, resisti a morte²⁰!

Percebemos nessa estrofe e na história da autora, que as lutas são necessárias e que através dessas lutas aos poucos vão ganhando seus espaços e ocupando lugar social. Para isso através dessa música pode-se mostrar um “passado escravista / presente de exclusão social, e finalmente, a afirmação de uma identidade negra que não exclui a mestiça” (CANTON, 2009, p.4).

As músicas “**negro ostentação**” e a música “**igualdade racial e possível**”, também foram escritas para trabalho escolar pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental no ano de 2015, com objetivo de mostrar a questão do racismo que a

²⁰ Música “Eu sou Negra” de Antônia Borges, 1991. Ver anexo 6.

sociedade negra enfrenta no cotidiano para assim entender que negro também pode ocupar lugar de branco na sociedade e assim poder combater essa questão.

Alunos apresentando trabalho, em paródia “negro ostentação” e “igualdade racial é possível”:

Figura 8 - Alunos apresentando a música “Negro ostentação”



Fonte: SILVA, Cleber (2014).

O estatuto da igualdade racial (Lei 12.288/10), que expressa legítimas demandas da população negra, completou um ano de sua sanção e se constitui num importante instrumento para que as desigualdades raciais sejam reconhecidas e abordadas em diferentes níveis de governo. No artigo 1º deste estatuto diz que:

Art.1º esta lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir a população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e as demais formas de intolerância étnica.

I - Discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o conhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades

fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

II – **Desigualdade racial:** toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;

III – **desigualdade de gênero e raça:** assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais;

IV – **Ações afirmativas:** os programas e medidas especiais adotados pelo estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção de igualdade racial de oportunidades.

A música “**rap da felicidade quilombola**” se apresenta como um apelo às autoridades e gestão do município. Para que olhem com bons olhos para as comunidades quilombolas, o objetivo é chamar a atenção para as comunidades quilombolas. Enfatiza que essas comunidades precisam de segurança, políticas públicas que busquem melhorias a segurança destas comunidades, assegurando que a paz seja uma realidade e resguarde a vida de nossas lideranças que estão ameaçadas de morte por não se calarem diante das opressões e dos conflitos por luta de direitos perante a lei.

Eu só quero é ser feliz andar tranquilamente no lugar onde eu nasci é, e poder me orgulhar e ter a consciência que o negro tem seu lugar. Eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci, é.

Hoje já não adianta apelar para a autoridade, para já chegar junto dela o Negro tem dificuldade. Prefeito e vereador estão num tremendo descanso, eles não fazem nada na cidade e nem no campo, andar tranquilamente hoje já não é possível, bandidos estão matando, e polícia está invisível, em muitas coisas que acontecem por aqui, bandidos matam e roubam na estrada

Transjutaf.²¹

A grande preocupação da população e a segurança dos nossos oriundos, pois, podemos perceber que antes, não se tinha grande risco de roubo, as pessoas nas comunidades, precisam estar atentos diante das situações, que acontecem no território quilombolas, são assaltos em casas, roubo de frutas nos sítios, mortes, etc., quanto mais denuncia menos retornos tem, por parte das autoridades, nas palavras dos moradores: «Eu vos digo: tenho mais medo destes demónios que dos primeiros» afirmou Francisco. E assim «quando me dizem “precisamos de um exorcista porque uma pessoa está possuída

²¹ Música “Rap da felicidade quilombola” de Canuto Cordeiro, 2016, ver anexos.

pelo diabo” não me preocupo tanto como quando vejo esta gente que abriu a porta aos demónios educados, àqueles que, de dentro, persuadem que não são inimigos: “Somos amigos”». Porque, como diz o Evangelho de hoje, «a última condição daquele homem torna-se pior do que a primeira».

Na maioria das vezes as pessoas nem denuncia por medo de ser ameaçados de mortes, acabam ficando no silenciamento, outros sofrem ameaças e acabam por pedir ajuda, para as entidades representantes.

Ao ressaltar neste trabalho o papel da mulher na sociedade percebe-se que, a invisibilidade da mulher negra, faz com que muitas mulheres vão a lutar juntando-se aos movimentos sociais para se organizar e ganhar seu espaço na sociedade sendo protagonista de sua própria história, isso não perdurou por muito tempo. As mulheres negras por muito tempo sofreram negligência e ainda hoje sofrem, por tanto, o reflete e a realidade aquele período, principalmente no tocante, pois elas continuam em último lugar na escala social e é aquela que carrega as desvantagens o sistema injusto e racista do país. Veja nessa estrofe da música como as mulheres são vistas hoje no quilombo campo verde e nas demais comunidades quilombolas deste território:

Dia de sábado e domingo a mulherada deita e rola, de manhã vai para igreja e a tarde joga bola, ficam empolgadas com os filhos na escola e, sentem muito orgulho de ser Negra Quilombola, andar tranquilamente já é coisa do passado, mas nada é difícil caminhando lado a lado, elas pedem competência as nossas autoridades, que olhem com bons olhos para nossas comunidades.²²

O que se percebe, é que a mulher deixa de ser submissa aos trabalhos domésticos, as atividades da roça e cuidar da família e ter mais tempo para si, buscando se envolver em outros meios sociais sempre com a preocupação de sua segurança. Para Geilza da Silva Santos e Ellem Cristine Alves Silva Canuto (2019 p. 11), é fundamental fortalecer a atuação da mulher negra na busca pelo combate à discriminação racial, dando visibilidade as diversas lutas contra o racismo, a fim de fortalecer a luta na construção de uma sociedade mais igualitária. O trecho da música, destacado anteriormente, parece concordar com a visão das autoras.

²² Música “Rap da Felicidade” de Canuto Cordeiro, 2016. Ver anexos.

Figura 9-Mulheres empoderadas: Time feminino



Fonte: arquivo pessoal (2017).

No que tange a preservação da natureza, mostra-se também a importância da preservação ambiental, a natureza é considerada como patrimônio ambiental, para isso está sendo imposto as relações dos homens com a natureza, a sua influência sobre o comportamento humano e as formas de delimitações dos territórios como o espaço da nação, da região, do urbano das fronteiras, etc. (ARRUDA 2007). Veja a seguir:

Bem-vindo a nossa igreja todo dia vem celebrar, bem-vindo a natureza que ajudamos a preservar, nós estamos ajudando a matar fome de alguém, o rio está poluído que nem peixe já não tem, quando vamos pescar já não se encontra nada, estão matando os peixes com ração envenenada, a morte do piau, da piranha e do pacu, é a causa da morte do pobre do urubu²³.

Vale lembrar a tradição religiosa e as práticas de aos domingos sempre antes de outras atividades ir à igreja rezar e agradecer ao Deus cristão as graças e bênçãos recebidas. A prática da religião está sempre presente nos momentos de reunião em grupos e eventos realizados no quilombo. Nas observações de Gilmar Arruda instiga que, o mais

²³ Música “Rap da felicidade quilombola”, de Canuto Cordeiro, 2016. Ver anexo 4

importante da história ambiental são as relações entre os homens e a natureza, pois suas ações são inúmeras e diz ainda que, a única forma de se preservar e afastá-la do homem (ARRUDA 2007). De acordo com a proporção do autor podemos observar a questão dos grandes impactos ambientais que causam pela ação do homem com a natureza.

Já a música “**Arquinec a caminhar**”, foi apresentada em uma manifestação no início do ano de 2014, organizada pelas comunidades quilombolas quando estavam lutando para trazer para dentro do território quilombola uma escola polo, que pudesse funcionar o ensino fundamental e médio, o ensino fundamental na modalidade regular e o médio modalidade SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino). Foi uma luta árdua, porém, com muito sucesso. Teve acampamento em frente à prefeitura, fechamento de estrada, acampamento, manifestação em frente a SEDUC, assim a escola quilombo Campo Verde teve seu surgimento. A mesma foi construída pelos moradores das comunidades, cada um doando uma parte dos materiais para a construção e alimentação também para os grandes mutirões.

Hoje eu nasci de novo, junto com o povo nós vamos lutar.
com muita alegria, pelas melhorias aqui deste lugar.
Assim eu vou caminhar, e eu escuta o seu cantar.
É uma beleza, a natureza volta a se valorizar.²⁴

O símbolo de luta e resistência, por uma educação de qualidade, e para manter os seus filhos dentro de seus territórios, teve resistência por parte de alguns pais e alunos, porém, com o tempo se agregaram. A dificuldade por transportes era muita, com ônibus e estradas em péssimas condições. Esse foi um dos motivos da organização para trazer o funcionamento da escola para dentro do quilombo. São lutas inspiradas, segundo membros da comunidade, em Zumbi dos Palmares, o maior líder negro do Brasil.

²⁴ Música “ARQUINEC a caminhar” de Canuto Cordeiro, 2015. Ver Anexo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo isso, essa escrita perpassa por um sentido de valorização dos saberes culturais vivenciados por essas pessoas. A comunidade quilombola campo verde, com sua importância na representatividade das músicas, sendo assim reconhecidas como patrimônios históricos, através de suas lutas e resistências buscar uma nova visão de reivindicar pelos seus direitos. Sendo assim as músicas significam para esta comunidade um modo de se apresentar em outros lugares firmando uma identidade cultural e assim mostrar cada vez mais a possibilidade de uma luta passiva, onde não se envolve a questão da violência nos territórios quilombolas.

No entanto este trabalho, visa mostrar a necessidade de botar para fora aquilo que está invisível, e que ainda a possibilidade de trabalhar mais e ser estudado, através de registro visuais, como forma de rever a história afro-brasileira e sua ancestralidade.

ANEXOS:

1. UMA HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL (2014)

1. Mas por que é que me propagas /falar do Negro com prazer/ eles não tinham direito/ em vestir morar e comer. Este é o pior sistema/ que todo mundo já viu/ agora nos relatar a História do Negro no brasil. (2x)

2.Nas grandes propriedades/ em precárias condições/ os Negros dormiam trancados em enormes barracões/ pertinho da casa grande construído logo atrás/ vigiados noite e dia por feitores e capataz.

3.Geralmente existia, um barracão só para homens, que dormiam ali trancados, com muito frio e muita fome. O feitor determinava a hora de se recolher, e começar a trabalhar logo após amanhecer.

4.Nas fazendas e nos engenhos, a comida era um horror, no fim do dia de tão cansado, o Negro chora e sente dor. No interior das senzalas, pouca coisa havia ali, só tem cama improvisada e esteira para dormir.

5.Além de vestir e cuidar mal, dos Negros que adoeciam, os senhores deveriam cuidar, dos seus cativos e não faziam. Todos os observadores, dessa imensa escravidão, precisavam denunciar, uma má alimentação.

6.Vestir morar e comer, é o tema dessa História, falar do Negro é um prazer, muita honra e muita glória. Hoje o Negro tem espaço e, mais oportunidade, hoje já tem muitos deles, dentro da universidade.

7.Sou Negro muito simples, mas não tenho muito valor. Escrevi está musiquinha, mas não sou compositor, eu só quero ajudar no trabalho da escola, aqui quero me assumir, como Negro Quilombola.

2. NÊGO NAGÔ

Eu vou tocar minha viola

Eu sou um Nêgo cantador

O Nêgo canta deita e rola

Lá na senzala do senhor,

Dança aí, Nêgo, nagô...

Tem que acabar com essa História

Do Negro ser inferior

O Negro é gente e quer escola
 Quer dançar samba e ser doutor.
 O Negro mora em palafita
 Não é culpa dele não senhor
 A culpa é da abolição
 Que veio e não o Libertou.

3. ARQUINEC A CAMINHAR (2015)

1. Hoje eu nasci de novo, junto com o povo nós vamos lutar.
 com muita alegria , pelas melhorias aqui deste lugar.
 Assim eu vou caminhar, e eu escuta o seu cantar.
 É uma beleza, a natureza volta a se valorizar. (2x)

Ref.: Uá, lalá, uê!

Ala, lá, ê, ala, la, ôô, o povo Quilombola chegou. (2x)
 2. Quilombola diz, que é muito feliz quando vai rezar.
 A Arquinec em si, faz o povo feliz e também festejar lá, lá, ia.
 E também lá nos ares Zumbi dos palmares vai festejar. Ê, ê, ê...ê á.
 lançando forças para a Arquinec caminhar. (2x)

4. RAP DA FELICIDADE QUILOMBOLA (2015)

Eu só quero é ser feliz andar tranquilamente no lugar onde eu nasci é, e poder me orgulhar e ter a consciência que o negro tem seu lugar. Eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci, é.

1. Hoje já não adianta apelar para a autoridade, para já chegar junto dela o Negro tem dificuldade. Prefeito e vereador estão num tremendo descanso, eles não fazem nada na cidade e nem no campo, andar tranquilamente hoje já não é possível, bandidos estão matando, e polícia está invisível, em muitas coisas que acontecem por aqui, bandidos matam e roubam na estrada Trans Jutai.

2. Como você já viu o que acontece por aqui, já não tem mais sossego para rezar nem para dormir, ficamos preocupados ao deitar em nossa rede, bandidos estão roubando em casas de campo verde, se vamos a polícia delegado não dá bola, mesmo quando se trata de um Negro Quilombola, quando vamos rezar pedimos forças a Deus, para que ele possa defender os filhos seus

3. Dia de sábado e domingo a mulherada deita e rola, de manhã vai para igreja e a tarde joga bola, ficam empolgadas com os filhos na escola e, sentem muito orgulho de ser Negro Quilombola, andar tranquilamente já é coisa do passado, mas nada é difícil caminhando lado a lado, elas pedem competência as nossas autoridades, que olhem com bons olhos para nossas comunidades

4. Bem-vindo a nossa igreja todo dia vem celebrar, bem-vindo a natureza que ajudamos a preservar, nós estamos ajudando a matar fome de alguém, o rio está poluído que nem peixe já não tem, quando vamos pescar já não se encontra nada, estão matando os peixes com ração envenenada, a morte do piau, da piranha e do pacu, é a causa da morte do pobre do urubu.

5. O NEGRO OSTENTAÇÃO (RAP) (2015)

O negro quer o racismo acabar;
E o preconceito eliminar;
O negro quer uma escola pra estudar;
E uma casa pra morar;
O negro quer ter uma universidade;
Para manter a sua igualdade;
O negro quer o que e seu por direito;
E acabar com esse tal de preconceito;
O racismo é uma coisa muito feia;
Quem continuar com ele vai parar na cadeia;
O negro luta pelo o que quer;
Levantem e fique de pé;
Por que nós somos muito filé;
Escute para não se esquecer;
Que o negro e tem muito prazer;
O negro nunca vai parar de lutar;
Que deus possa nos abençoar;
Foi na delegacia atrás do meu direito;
E mesmo ainda há preconceito;

O negro luta pelo seu direito;
 Ele quer vencer o preconceito;
 O negro luta para combater;
 O racismo e o preconceito juntos vamos vencer.

Fonte: José Maciel e Benilson silva.

6. EU SOU NEGRA (1991)

Eu sou negra de sangue revoltoso

Eu sou negra o sangue ferve em minhas veias (2x).

1.Negro é gente não é bicho, meu senhor, negro quer vida e respeito pela cor, negro se diverte, canta e gosta de dançar enfrenta e vai à luta sem jamais se acomodar.

2.Negro não gosta de quem possa massacrar, negro quer vida e sua cultura resgatar, negro dança e luta, luta e dança capoeira, eu sigo o rei Zumbi, sou mulher negra guerreira.

4.Nao adianta tentar me calar, não adianta tentar me xingar, não adianta tentar me matar!
 Eu sou negra, e negra e forte, resisti a morte!

7. OLHA QUE EU VIM LA DE LONGE (1988)

1.Olha que eu vi lá de longe, perdendo raízes, enchendo porões. Olha, cruzei tantos mares, pisei novas terras sofrendo grilhões.

Mas, meu canto bonito (bis). Nem dor, nem corrente jamais abafou (bis). Pois ser livre eu queria (bis) Meu Deus, es a força de quem confiou (bis)

2.Olha, vendido em leilão, moído em engenhos, plantei meu suor. Olha nos campos rocados, reguei com meu sangue, meu sonho maior

3. Olha eu venho sofrido, com todo oprimido cantar sem temor. Olha, que vem tempo novo trazer para o povo um dia melhor.

5.Olha, rompendo as correntes, para nós, liberta enfim vai chegar. Olha, trazendo esperança, ó Deus da aliança nós vamos cantar.

8. IGUALDADE RACIAL É POSSÍVEL (2015)

Eu sou negro/meu cabelo é muito seco/não tenho vergonha de falar/uso chinela havaiana/e uma camisa rasgada/mas não tenho vergonha de falar/você mora numa casa importada/e o negro numa casa empalhada/você negro, existe muito gay na sua comunidade? /E se tem racista la na sua cidade/você que vai nos escutar/se liga só no que vamos falar/se vê um negro não seja racista/cumprimente/para não perder um dente/porque o negro sabe lutar/obrigado por nos escutar.

Fonte: Benilson silva e José Maciel.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no brasil/ escravos e escravidão no Brasil**. Wlamyra R. de Albuquerque, WALTER, Fraga Filho, Salvador: centro de estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 63-91.

ACEVEDO, Rosa, **Negros de trombetas: guardiães de matas e o rios/** Rosa Acevedo, CASTRO, Edna. -2. Ed.- Belém: Cejup/UFPA-NAEA,1998.

ARQUINEC. **Ata da reunião em terras quilombolas: 22/11/2001.**

ARQUINEC. **Ata de reunião em terras quilombolas:22/06/2000.**

ARQUINEC. **Atas de reuniões em terras quilombolas: 24/01/2004 a 12/06/2004.**

ARRUDA, Gilmar. **O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. Patrimônio e memória**, 2007, v. 2. n. 2. p. 110-125.

BRASIL, **Constituição da república federativa do Brasil**. 14ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial**, Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2010.

CANTON, Ciro. **Das “velhas senzalas” as “novas favelas”: a missa dos Quilombos**. In. ANPUH- XXV SIMPOSIO NACIONAL- Fortaleza 2009.

CNBB- CF 1988: **ouvi o clamor deste povo**. Brasília DF: Editora Gráfica Ipiranga .1988.

DOWLING, Gabriela Buonfiglio. A função social da música no quilombo: cirandeiras, cocos, cantos e saberes em Caiana dos Crioulos (Paraíba). In: SANDRONI, Carlos; SATOMI, Alice Lumi. **Anais do VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia**, v. 6, p. 200-207, 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da perda e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural**. In: ABREU, Regina; chagas, Mario. **Memória e patrimônio: ensaios e contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GUIMARAES, Luiz Ernesto. A Missa Afro: possibilidades de enfrentamento do racismo no Brasil. **Revista antropológica**. 2018, ano 22, 29 (1): p. 84- 114.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Territorialidades silenciadas e apagadas que se tornam visibilizadas por meio da poética negra. **(SYN) THESIS**, 2016, v. 9, n. 2, p. 31-40.

https://medium.com/@Lima_Danilo/dan%C3%A7a-ai-negro-nag%C3%B4-afcab0af1ee

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>, patrimônio imaterial.

MALCHER, M. A. F. **A formação do território Quilombola em Bujaru e Concórdia do Pará**. Belém 2012.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. 1933, v. 10, dez, p. 7-28.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZONIA. **Quilombos de Bujaru e Concórdia do Pará**. (Fascículo 11).

PRASS, Luciana. **Músicos e músicas das comunidades quilombolas gaúchos na arena das políticas afirmativas**. UFGR, Salvador- 2008.

PELEGRINI, Sandra; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. Brasiliense, 2017.

REIS, Maria Clareth Gonçalves. Reflexões sobre a construção da identidade negra num quilombo pelo viés da história oral. **27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação ANPED**. Caxambu/MG, 2004.

SANTOS, Pâmella dos Passos, CRISTINA, Maria Giorgi e PIMENTEL, Ronaldo Baptista. A pastoral afro-brasileira e a Campanha da Fraternidade de 1988: uma análise discursiva das questões raciais no interior da igreja católica. 2015, v. 10, n. 20, Jul./ dez, p. 599-610.

SANTOS, Geilza da Silva; CANUTO, Ellen Cristine Alves Silva. **A mulher negra na sociedade brasileira**. Anais do IV CONEDU. Editora Realize, 2019.

SOUZA, Gilvando Silveira e CORTINHAS, Sergio Luiz Ferreira Filho. **Políticas Públicas e comunidades Quilombolas**: estudos sobre a Associação dos Remanescentes de Quilombolas em Concórdia do Pará (ARQUINEC). 2015.

WERNECK, Jurema. **Racismo institucional e saúde da população negra**. Saúde e Sociedade, v. 25, p. 535-549, 2016.